

TRABALHO INFANTIL ESPORTIVO E ARTÍSTICO: CONVENIÊNCIA, LEGALIDADE E LIMITES

Marcelo Pato Papaterra*

Gostaria de saudar o presidente do Tribunal Superior do Trabalho, ministro João Oreste Dalazen, e agradecer a todos os organizadores deste seminário pelo convite que me fizeram, mas devo confessar, de início, que fiquei um tanto assustado ao ser convidado, pois me lembrei de todo sofrimento indigesto que me motivou estar aqui nesta tarde. Já comecei a suar frio, como estou agora. Além do mais, não tenho intimidade alguma com as leis trabalhistas; sou professor e ator, por isso, acostumado apenas a me apresentar em público representando uma personagem ou desempenhando o papel de professor, para uma plateia bem menor do que esta. Mas, dada a importância do assunto que tratarei, como cidadão, eu não poderia me ausentar deste debate.

A razão para eu estar aqui se originou numa reunião entre amigos, na qual dois juizes do trabalho estavam presentes e, ali, nos aprofundamos sobre o tema de que vou tratar.

Naquela noite, discutíamos as qualidades de um filme nacional, muito conhecido: “Cidade de Deus”, do diretor Fernando Meirelles, que na época tinha sido indicado para o Oscar. Era o grande orgulho nacional. Aí, começava o meu sofrimento.

O filme era badalado por todos. Unanimidade. Por que eu teimava em ir contra a maioria, então? O que eu via e vejo de inadequado nesse filme?

A razão da minha posição solitária naquela noite, sem considerar o aspecto estético ou artístico – aqui fora de discussão – passa por um princípio ético e moral.

Assisti “Cidade de Deus” com os meus alunos de EJA, antigo supletivo, do curso noturno do Colégio Santa Cruz, em São Paulo. Na ocasião, o Fernando Meirelles compareceu à sessão para conversar com os alunos. Conheço o Fer-

* *Professor de Artes e Alfabetização de jovens e adultos do Colégio Santa Cruz (SP).*

nando do tempo de ginásio. Fomos contemporâneos nesta mesma escola... Foi uma situação constrangedora para mim. Eu estava incomodado com o filme, pois acho que nada me deixa mais indignado do que a violência. E não digo só da violência nua e crua do banguê-banguê em ritmo de propaganda, tão explorada na fita. Falo da violência em usar crianças como atores ou atrizes! Para mim, é uma exploração das grossas. Como, por exemplo, nesta cena do filme que eu gostaria de mostrar aos senhores e às senhoras. Por favor...

(apresentação da cena)

Desculpem-me a tortura.

Essa cena me choca. Fazer uma criança com arma na mão dar um tiro no pé de outro menino de seis anos de idade!...? Que ideia é esta? Pergunto: Qual é o propósito dessa barbaridade?

Pois, para mim, o objetivo está claro. E fico chocado com a ideia, totalmente impregnada na fita. Merece a indignação e o protesto que eu fazia e faço hoje. É cruel a sua realização!

Se, ainda, não notaram a barbaridade da cena, podem pensar alguns dos senhores, como meus amigos e familiares na época diziam: “Mas o menino trabalha bem. Com certeza o veremos trabalhar numa novela logo, logo. É uma saída de vida para o coitado”.

Isso é o mais terrível de ouvir e saber. Uma saída para o coitado.

A cena é forte. Com o senão do mau gosto, para mim, colocar uma criança nessas condições é de virar o estômago; é desumano, no mínimo!

Afinal, a exploração do trabalho infantil não é proibida no Brasil?! Então, qual é a diferença entre uma criança de seis anos de idade fazer uma cena como essa e de outra da mesma idade ganhar uma grana para a família com fome numa fábrica? Não é a mesma coisa?

Era a primeira questão elementar que eu levantava e levanto, ainda hoje. Como entender a permissão para esse desrespeito evidente à dignidade humana? Em todo caso... As pessoas aceitam. O filme foi e é badalado até hoje.

“Arte é arte. Não podemos censurar”, dizem. “E a liberdade de expressão”? Tudo bem, digo! Uma coisa é liberdade de expressão, aqui, bem defendida por todos e por mim, outra coisa é a impunidade à exploração do trabalho infantil, mal defendida, e só por mim!

De fato, não vejo a menor saída para uma sociedade que precisa de leis rigorosas para defender as crianças de tais barbaridades; sou pessimista nessa

questão, pois acho que não existe sintoma mais claro de uma grave doença social do que a *necessidade* de leis claras e severamente respeitadas! Infelizmente! A meu ver, uma sociedade minimamente sadia deveria saber tratar de suas crianças, do seu futuro frágil, sem precisar de leis escritas para isso. Sou um sonhador, já me disseram. Mas...

As pessoas gostam e aplaudem as crianças no palco imitando cenas de adultos. E não percebem a enorme crueldade que há por trás disso!

O espetáculo é fabuloso, impressiona. Emociona! Talvez, então, todos fechem os olhos para a crueldade dessa cena, reveladora de uma sociedade desumana e incapaz de se enxergar em suas mazelas herdadas da escravidão. O cinema é a nossa cara!

O que a escravidão tem a ver com tudo isso, então?

Há trinta cinco anos sou professor de teatro e aprendi a reconhecer o potencial artístico das crianças quando representam. Fico encantado ao vê-las brincar; aliás, esse é o maior prazer que tenho na profissão estafante de professor. Porque elas agem com naturalidade, buscando a imitação da vida adulta. Dão aulas de interpretação, pois se entregam de corpo e alma ao que fazem. São brilhantes em suas representações graciosas, cheias de detalhes, que revelam a capacidade apurada para observar e entender a vida adulta. São craques nesse jogo.

Mas, como professor, relevo tal capacidade artística – se é que podemos chamar isso de arte. Porque representar é natural para a criança. É uma característica essencial que elas têm (como os atores mirins do filme “Cidade de Deus”) com seis ou sete anos idade: brincam por necessidade. Assim crescem e aprendem a viver papéis em diversas situações. Seus temores de crianças, seus desejos e sonhos a serem realizados, ou não, são contemplados nessas brincadeiras.

Todos nós sabemos da importância que isso tem na formação de um indivíduo. Basta olharmos para os filhotes de outros mamíferos que testam as habilidades necessárias à vida adulta na selva. Para o ser humano, então, é vital na formação do caráter de uma pessoa.

A brincadeira é o chamado “jogo do faz de conta”, ou jogo simbólico, no qual se testar em diversos papéis é o único objetivo. Resumidamente, funciona assim: *eu*, criança, represento uma cena que dá medo, por exemplo, *eu* sinto medo como se fosse de verdade, e não de verdade verdadeira. Mas, se a coisa engrossar durante a ação, eu posso virar super-homem e voar para resolver a situação incômoda que me deu medo. Pronto. Adquiro forças e tudo fica resol-

vido. Ganho coragem! Não há regras para isso! O objetivo é que *eu*, no meu papel, saia recompensado no final da brincadeira.

É assim que as crianças crescem e começam a entender o mundo adulto.

Mas temos aqui que diferenciar esse jogo simbólico, egocêntrico, das crianças da arte de representar dos adultos. No teatro, temos regras claras, pois apresentamos para um público. O sentido da coisa é promover uma discussão coletiva, estética, que quer dizer a todos de uma sociedade.

É, portanto, um jogo completamente diferente do jogo egocêntrico da criança!

Quando o adulto representa tem objetivos sociais de entretenimento coletivo. Para isso, ele se compromete a respeitar as regras da representação. Assume o papel de uma personagem definida e – que fique bem claro – *diferente do seu eu*, ou seja, o *eu* verdadeiro do ator desaparece do jogo. O “eu” fica de fora! É a defesa do adulto para não entrar em surto psicótico em cena.

Lembro-me do ator Paulo Autran dizer que o maior desafio de sua carreira foi atuar ao lado de uma criança na peça “Equus”: o menino monopolizava a atenção do público, relegando ao fabuloso e saudoso ator o papel de mero coadjuvante. É um buraco negro para qualquer estrela! Até mesmo o Chaplin ficou ofuscado pelo “Garoto”.

As crianças são capazes de proezas fabulosas em cena: a figura angelical exposta no palco é deveras cativante. E é fácil saber por que. Quando ela representa o seu *eu* está presente! Por isso, a fantasia pode se tornar verídica com facilidade e a representação passa a ser de verdade de uma hora para outra! Basta um estímulo externo da realidade. E, pronto, tudo vira verdadeiro.

Esse é o ponto central para mim!

Uma coisa me intrigava nessa cena do tiro no pé a que assistimos. Como o Fernando fez um menino de seis anos de idade chorar tão realisticamente diante da câmera? Que artimanha “artística” ele usou para isso? Não é apenas um jogo de faz de conta ali.

Mas antes que eu perguntasse ao Fernando, uma aluna de EJA, que por sinal é mãe!, se adiantou e perguntou antes de mim. E o diretor do filme respondeu, em público!, como quem havia descoberto a pólvora, que, na realidade, tinha sido muito difícil fazer a cena; levaram horas! – coitados dos meninos, né, repetindo, repetindo. Mas, no final, descobriram um jeitinho. Perguntaram para o ator, um menino de seis anos de idade, o que mais o deixava triste e o fazia chorar. E ele respondeu que era o medo de ficar sozinho, sem a mãe.

Então, pediram para ele imaginar que a mãe não iria mais voltar para pegá-lo. Ou melhor: que sua mãe tinha morrido! Pronto! “Sua mãe morreu!” – disseram ao menino! Daí, o ele começou a chorar. E eles aproveitaram e filmaram essa maravilha.

Ou seja, senhoras e senhores: a cena que vimos é de uma criança chorando de verdade verdadeira a morte da mãe!

Legal, né? Bem... Foi permitido!

Cinema é feito por adultos! É uma indústria! Significa um grande negócio! E o *show* não pode parar! Então, como professor, eu não sei avaliar direito o quanto vale esse tipo de negócio; se é zero, dez, ou dez milhões? Deve ser muito mais, imagino. Vivo do meu pequeno salário, educando crianças o melhor que posso, mas, como cidadão, fico indignado! E protesto, senhor presidente!

Pois sei que não existe nada mais sedutor do que uma criança representando. E todos nós sabemos disso muito bem; não é preciso ser professor ou doutor para saber de tal realidade. Hoje, os grandes produtores estendem longos tapetes vermelhos para conquistarem lindas estatuetas de ouro! Há um potencial enorme dentro de cada criança para alcançar tais objetivos.

E, só para concluir a minha fala, não era a toa que os senhores de escravos, também encantados com a graça e a habilidade dos seus cativos miúdos, faziam com que eles brincassem e dançassem na sala da casa grande para o divertimento e o deleite da família, como nos mostrou Gilberto Freire em sua obra. E, para a minha indignação, é a mesma coisa que ainda fazemos quando assistimos e badalamos filmes, como este, indicados para o Oscar.

Então, lanço aqui a questão final: se fosse um filho dos senhores e das senhoras, deixariam que ele participasse da cena a que assistimos?...

Bem... Aí...

Vivemos numa sociedade narcisista e elitista, na qual só filho de rico merece o respeito de ser tratado como criança e brincar da forma desejável. É por isso que, infelizmente, precisamos de um Estatuto da infância e adolescência bem claro e respeitado com rigor.

Só me resta mais uma vez agradecer a esta casa pelo convite, que me honrou. Obrigado.